

Tolerância ou ecumenismo?

Notas da assembleia com a Comunidade de Belo Horizonte com Marco Matos (Marquinho) e Marco Montrasi (Bracco). Sábado, 12 de fevereiro de 2022.

Texto de referência: L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, capítulo 3, ponto 4: “Ecumenismo e missão. A cultura nova” (pp. 152-169).

Marquinho: Eu fico pensando nessa música (*O bonde do dom*): todo dia a gente vive, vive pensando em casar, juntar as rimas, subir na vida... Todo dia a gente vive, vivendo as coisas de todo dia. Mas o que define a gente nesse caminho? O que define a gente nesse caminho que todo dia a gente vai fazendo? E aqui a música é bonita, porque ela diz: “a sede de ti prossegue”. A gente vive todo dia, a gente vai fazendo uma porção de coisas que ficam no dia, mas a sede de ti prossegue. A sede de ti. O bonde do dom é que me leva. A vida da gente é definida assim, é definida por isso que a gente carrega dentro da gente, que foi despertado por um dom. Se a gente está aqui hoje na Assembleia, é por causa disso. Se a gente tem inquietações, é por causa disso. Então, a questão principal é a gente não renunciar a isso, não relativizar isso, não deixar adormecido, mas se deixar provocar. Então, vamos começar logo para a gente aproveitar o tempo.

Participante: Vou só contar uma coisa, não tenho perguntas. A gente estava vendo no texto, “Mensagens e sinais”, sobre a misericórdia; e diz ela que a misericórdia não é um dom humano, que é algo que não está no dicionário, que é excepcional. E nos últimos dias, nesta última semana, voltei a pensar mais na minha mãe. Tinha me acalmado, depois que tudo passa... E esta semana sonhei com ela, e eu fiquei lembrando de tudo que aconteceu, a gente vai fazendo de novo uma retomada de um filme. A minha mãe era uma pessoa muito brava e muito dura. E ver o que aconteceu com minha mãe, não tem outro nome, senão esse milagre da misericórdia. Porque ela sempre brigou muito com a vida, ela reclamou muito de algumas coisas, do meu pai, do relacionamento, de ela ser dona de casa... [...] Só que no hospital eles chamam pelo primeiro nome, então os enfermeiros passavam: “Dona Josefa! Dona Josefa!” E aí um dia eu disse a ela: “Mãe, você quer que a gente invente um apelido? Quer que a gente diga para te chamarem de Jose?” Ela disse: “Não, já estou gostando de ‘Josefa’”. E para mim isso foi tão significativo! Fui procurar o significado de Josefa, que é uma variante de José, e ela estava internada no Hospital São José. E Josefa significa: aquela que aumenta, que aumenta aquilo que Deus deu; que cuida. Eu disse isso a ela e na última noite ela pediu para rezar, a gente rezou e ela dormiu. Um tempo depois ela abriu os braços e disse: “Me salva, Pai!” Foi uma coisa muito impressionante. Então, ver uma pessoa que se deixa olhar, como minha mãe se deixou olhar, é só por um milagre. Porque a gente rezava todos os dias. E ela deu esse “sim” nesses últimos tempos. Depois eu perguntei a ela se ela aceitava que o padre fosse. Ela tinha medo, mas aceitou. E eu disse: “Aproveita e diz pro padre tudo que você precisa, conta, abre o seu coração. E aí ela fez, e as coisas foram acontecendo assim, de uma forma tão livre, tão livre, que não era minha mãe. Quem conhecia minha mãe, entenderia que não era minha mãe; porque foi Cristo dando todas as coisas. A morte da minha mãe significou outro nascimento; nosso, do meu coração, do coração dos meus irmãos, dos meus pais. Então eu vi a misericórdia

assim, como algo além do que a gente pudesse fazer; é além do humano. Eu me senti muito abraçada, por vocês todos que rezaram, pelo Marquinho que me acompanhou todo dia... Isso é muito diferente do que se tem em outros lugares. É muito diferente, é muito grande. E eu só posso agradecer, porque sou escolhida, e isso se mostra em cada coisa. É claro que o fato de uma morte é algo muito excepcional. Mas eu contava, por exemplo, com os meus alunos aqui da Escola de Comunidade que é a mesma coisa, é uma grandiosidade que acontece todo dia, que a gente só pode reconhecer que a gente foi escolhida para isso.

Participante: Eu queria pegar o gancho dessa fala, porque me tocou muito alguns trechos desses últimos capítulos, agora no final, que diz que “só existe povo se tiver misericórdia”. Eu fiquei muito tocado com várias coisas que esse último pedaço do terceiro capítulo fala, sobre educação, educação para a liberdade. Porque eu percebo que, para este ano, que é um ano que promete, pela questão política e tudo, percebo que tem muitas coisas que estão lá colocadas, que são indicações da nossa missão no meio disso tudo. E eu acho que essa questão de “não existe povo se não existe misericórdia”, olhando para a situação do nosso povo hoje, dá para entender que não existe mesmo; porque o que tem hoje é o contrário da misericórdia. Tem um pedaço lá que diz que este povo, que nós somos, começa com o sim de Pedro. E o sim de Pedro é possível por conta da misericórdia, por causa daquele amor misericordioso que Cristo teve por ele, por se sentir diante de Cristo. Então esse sim de Pedro constitui esse povo, acontece a partir daquele olhar de Cristo: “Tu me amas?” E falou três vezes, para ele entender direitinho qual era o ponto. Aí eu fiquei pensando numa coisa que me tocou muito na Escola de Comunidade, na sequência, que é quando diz que essa misericórdia é um olhar diferente para o que eu já fiz, para o que eu estou fazendo agora e o que eu farei. Quer dizer, é uma liberdade de fato, diante de mim, porque não é que agora me perdoou, vou lá, confesso com o padre, e perdoo tudo o que eu fiz até aqui. Mas eu sei que vou fazer depois, e infelizmente vou fazer depois de amanhã. Como eu posso ir lá confessar e olhar para mim desse jeito? Só por essa misericórdia que abraça tudo: o que eu fui, e o que eu sou daqui para a frente também – do ponto de vista desse sim meu, que é decidido. E aí fiquei pensando, porque esses dias minha esposa me contou que soube que a pediatra dos meus netos fechou o consultório, está dentro de casa, fechada, assustada por causa da pandemia. É uma pessoa que tem mais de 60 anos, e eu fiquei pensando o que está me fazendo trabalhar. Eu tive tanto ou mais medo que ela, sou velhinho e diabético, então eu sou de risco, eu tenho medo. Só que tem duas coisas que me ajudaram a não parar, que eu aprendi no Movimento: primeiro, olhar para a realidade. Não posso ser eu quem coloca o critério da realidade. Da outra vez, teve a proposta para as pessoas de risco fazerem o trabalho na teleconsulta e eu fui lá, fiquei um ano e tanto lá. Dessa vez eu liguei, não existia. Então, era uma coisa que não estava na realidade; não era uma coisa que estava vindo de Cristo para mim. E a segunda coisa também está na Escola de Comunidade, quando diz que o nosso sim é estar presente ali no lugar em que Cristo me coloca. Então, o meu sim antes foi aceitar a provocação da empresa, que foi ficar lá trabalhando na teleconsulta e agora continuar lá, indo lá; de vez em quando, quando atendo uma criança resfriada, fico com medo, enfim, mas o que me faz diferente da minha colega, não é que sou mais esperto que ela, mais corajoso, nem nada disso. É porque eu, cada dia que levanto, para levantar tenho que dizer sim a Cristo. Tenho que dizer “Por que estou levantando? Por que vou lá trabalhar? O que eu

quero com aquelas pessoas?” Outro dia atendi uma mãe e ela está na segunda criança, mas com esse pai é a primeira. E ela estava muito preocupada com a questão do aleitamento e tal. Aí eu brinquei com ela: “Quando estiver no sexto, você vai estar tranquila”. “Deus me livre, doutor!” Aí eu fiquei falando com ela: “Mas ‘Deus me livre’ por quê?” Quer dizer, para que vale a nossa vida? É duro, é difícil... Eu sempre digo: para mim, que sou pediatra, é fácil falar, mas a hora que dá problema eu sei que não é fácil. Mas para que vale a vida se não é para ter filho, para ser avô, para ser médico, para ser pediatra, para ir lá atender as crianças? Quer dizer, se não é esse dar, essa doação da gente naquele lugar em que fomos postos, que é a nossa missão, o lugar de dizer o nosso sim, de que vale a vida? Digo isso olhando com todo o respeito para essa colega que está escondida dentro de casa, deixando de exercer a profissão dela, é uma pessoa maravilhosa. Eu entendo o medo dela, não é que estou dizendo que ela tem medo porque não tenho. Mas o que está me empurrando para frente – coitada, ela não teve essa graça que eu tive e tenho – é essa graça, que me empurra a esse sim, a dizer esse sim. E eu sinto esse abraço misericordioso, que acolhe até o meu medo. Não é que diz “não é para você não ter medo”; mas é para ver o que me faz ficar em pé, inclusive com esse medo.

Bracco: Obrigado. Eu queria dizer uma coisa rápida porque acho que aconteceu tantas vezes nesse tempo essa coisa. Nós vivemos a vida de todo mundo; então, poder perceber que nós temos os medos de todo mundo e temos as fraquezas todo mundo. Mas, ao mesmo tempo, poder verificar que esse momento do Movimento é muito interessante. Não sei como vocês estão vivendo, não sei se vocês viram aquilo que o Prosperi disse recentemente. Podemos viver esse momento como um parêntese porque estamos assim, porque agora temos que fazer as mudanças de estatuto, depois precisamos eleger um novo presidente... Podemos viver um íterim. Mas muitas vezes nós podemos viver de íterim, de parênteses, meio suspensos; porque a vida vai recomeçar quando acabar a pandemia, a vida vai recomeçar sempre quando acontecer alguma coisa. Mas eu estou percebendo como tantas coisas que ouvi do Carrón que para mim está se tornando ainda mais um pai, eu estou me descobrindo ainda mais filho, no sentido de descobrir quanto ele me deu e me possibilitou fazer um caminho para viver este momento agora. Não como um íterim, não como parênteses. Mas mais como protagonistas, mais para viver a realidade de hoje, mais para descobrir esse vínculo, que cada um de nós tem que descobrir. Porque senão, o medo domina, não tem como tirar o medo. Porque nós temos medo como homens, seres humanos. O problema é: o que eu tenho, que me faz não ser dominado por esse medo? Porque quando o medo o domina, toda a energia criativa some. Você se paralisa, não tem energia para fazer nada, a não ser se proteger de tudo. Então você entende bem a sua colega, dá para entender bem. Mas dá para entender bem também, com surpresa, com comoção, ficar de joelhos agradecendo porque nos foi dada outra coisa. Não como um esforço, não uma força de vontade – eu venci o medo! – não: o que eu tenho, que está me permitindo não ser dominado por esse medo? Eu tenho medo como todo mundo, mas não me domina. É uma presença, é poder descobrir, nesse tempo louco, nesse momento de íterim, ainda mais como eu sou feito. Eu sou um vínculo e não me deixa dominado pelo medo. Eu percebo isso. Percebo isso por aquilo que movimenta em mim. Porque o amor, quando o medo não o domina, o amor é esse reflexo desse vínculo, libera energia criativa. Faz você ir trabalhar, faz olhar no olho do outro, faz viver a vida. Então é um momento em

que podemos verificar, podemos aproveitar. Cada um de nós, podendo ver outros e aprender com os outros, e pedir essa abertura para que isso aconteça em mim. Não estamos num íterim. Paradoxalmente, os momentos de passagem são os que mais favorecem a tomada de consciência do que eu sou e de que me constitui, que vínculo eu tenho. E o primeiro reflexo é que a sua razão se move, a sua razão não está paralisada. Essa coisa está muito ligada com essa parte da Educação. Para mim também a Escola de Comunidade foi muito interessante. Hoje fizemos esse encontro com a Giovanna e os meninos do CEDUC, foi espetacular. Em um certo ponto, me veio de dizer a eles isto: “Mas vocês se dão conta? Quando formos agora cada um votar para o salvador da Pátria – vendo o que eles estavam dizendo – nós aqui, hoje, estamos mudando o mundo. Porque Belo Horizonte não é a mesma hoje, a gente estando aqui. Achávamos que isto aqui é nada, quem vai mudar o mundo é quem vai ganhar as eleições. Mas a política, que é a forma de mudar a sociedade, vem de baixo. Não é de cima para baixo, é de baixo para cima. Por isso nós pedimos para a política defender espaços assim. Porque quando tem meninos assim, quando tem jovens assim, quando tem gente assim, ou pessoas que podem viver assim, que não são mais dominados pelo medo, isso muda o mundo! Mas para nós isso é nada; estamos aqui, mas depois quando temos que ir pensar a política, brigamos, nos separamos, nos dividimos, porque nós somos vermelho ou preto, ou um ou outro. Eu, não: eu descobri, cada vez mais, que esta educação que me dá vir aqui, é uma educação que me tira de dentro essa coisa que é minha. Mas se eu não me educo, não me deixo educar, aquilo que me dominará será aquilo que o poder decidir. O poder, o que ele quer? Que se reduza o meu eu, tanto que eu não tenha mais identidade, e a minha identidade se torna me encaixar na posição deles. É por isso que brigamos. Não é que não temos que entrar nas ideias, ver as ideias de quem está na política; não é que não temos que estudar, fazer isso e verificar. Mas isso será cada mais libertador para nós, quanto mais a nossa identidade for consciente. Que a identidade nossa é de um povo, que está mudando, sim. Vejam, o Vittadini fez um encontro da CdO e a gente publicou esse texto de novo como um [livrinho](#). Eu peço para vocês lerem de novo. Ele fez alguns exemplos. Nós achamos que isso é nada? Imagine os colegas que cada um de nós encontra no trabalho. Este é um povo que está mudando o mundo, sim! Só que, se se reduz essa consciência, nós achamos que não estamos mudando nada, que nós somos nada. Então delegamos toda a força de uma mudança a outros. Então é toda a política que tira o homem para você se encaixar num “xis”. E isso nos divide. Então estamos fazendo o jogo de ser escravos disso. Precisamos reconquistar essa nossa identidade e também a forma como nós nos concebemos dentro da sociedade. Senão, nós seremos escravos, cada vez mais. Também da política seremos escravos. Com alguma escapatória quando a gente se encontra. Não, eu quero ser unido, livre. Eu sei o que eu vou pedir para quem fará certo tipo de política, que é uma parte, porque a política é mudar a sociedade pelo bem de todo mundo. Por isso que essa coisa da educação também se tornou uma comoção. Por quê? Porque aquilo que nós encontramos quando você descobre isso, você deseja isso para todo mundo! Mas que seja de qualquer ideia; sair da ideologia e tornar isso um desejo para todo mundo, que uma coisa como hoje, que esses espaços onde se vê o que me faz viver, possam ser para todos. Essa é a política que queremos, senão é reduzir tudo àquilo que um ou outro irá falar. Então, eu acho um desafio, é uma ocasião enorme que temos. Não vamos deixar escapar essa ocasião e não vamos nos deixar dominar pelo medo de entrar nesse momento. Agora todo mundo ou briga ou está com medo, então diz: “não vou falar

nada”. Vamos lá pescar, buscar aquilo que faz o nosso eu assim, que é a raiz desse povo; o sim de Pedro, que gera esse povo. Isso tem dignidade para entrar nesse momento até na política. É uma ocasião enorme que temos.

Participante: Eu queria primeiro agradecer a experiência do Movimento neste período, na minha vida, porque eu trabalho há 41 anos – trabalho, assim: carteira assinada, tudo direitinho. E agora eu estou curtindo o que seria a aposentadoria. Na verdade, não me sinto aposentada, porque aposentada eu já estou há nove anos. Mas nunca parei de trabalhar. E eu ficava pensando: “Meu Deus, agora como vai ser?” Mas eu vejo que a educação do Movimento me ajudou para este momento, porque eu não estou desesperada, mas também não quero ficar à toa. Alguns amigos disseram: “Ah, agora você vai curtir a vida”. E parece que não curti minha vida antes. E para mim tem sido assim: um dia eu acordei cedo – estou acordando até mais cedo do que quando eu trabalhava – eu acordei e pensei: “O que o Senhor quer de mim?” Na mesma hora me veio a resposta: “Que você seja feliz”. Eu disse: “Mas como que é, para mim, ser feliz, agora?” E eu fui fazendo um caminho, fazendo a pergunta e me colocando. Eu disse: “É aderindo àquilo que Ele está me dando agora”. “E o que Ele me dá agora?” Eu disse: “É isso”. Há duas semanas a gente foi para um encontro com Dom Filippo, que agora ele é nosso responsável [dos *Memoires*]. E eu tinha marcado de conversar com ele já tinha um tempão. Estava ansiosa, já tinha o horário marcado, e na última hora me chega a notícia: “Dom Filippo cancelou a conversa com você”. Poxa, esperei tanto e nada! Porque eu tinha para ele dois pedidos. E no meio do corredor ele parou e eu disse: “Dom Filippo, eu queria duas coisas”. Ele só me parou e falou assim: “Uma coisa que eu vou te dizer: eu não quero que você vá embora de Belo Horizonte”. E era um dos meus pedidos! Porque eu disse: já que eu estou desempregada, sozinha, eu volto para Brasília, tenho minha família lá, estou com meu irmão que mora pertinho de lá que está doente, meu sobrinho que está com câncer, posso ajudar. Tenho vários amigos ali que estão doentes, eu poderia também estar disponível para ajudar. E eu olhei para ele e disse: “Tá bom!” Até comentei um dia em casa: “Todas as vezes que eu fiz isso na minha vida, foi porque eu tinha certeza que alguém amava meu destino mais do que eu. Porque muitas vezes o Virgílio me pedia coisas que eu não entendia, em absoluto. Não entendia mesmo. E eu obedecia. E era para o meu bem. Eu disse: “eu já fiz essa experiência; então eu vou seguir isso que ele está me pedindo”. Então para mim tem sido assim: acordar todos os dias e lutar para falar, peço para o Senhor sempre: “Não me deixe ficar na preguiça”. Porque é cômodo! E aí eu fico: agora eu vou fazer curso – eu me matriculei, estou fazendo um curso – vou procurar alguma coisa, um trabalho voluntário que der para fazer, vou fazer... Mas também vou curtir aquilo que o povo disse: “Vai curtir a sua aposentadoria”. Mas é aderindo a essa realidade. E o surpreendente foi que, ao aderir a essa realidade, na semana passada retomamos com o grupo dos Colegiais e fizemos uma convivência em São João del Rei. Levamos um grupinho e foi um espetáculo, e até quando cheguei em casa me disseram: “Você estava com os olhos tão brilhantes!” Porque foi um espetáculo ver aquilo que acontecia de novo, aquilo que acontecia com aqueles meninos que estavam ali, e ver a comunidade de São João, que para mim sempre é um espetáculo. E ver como os meninos estavam, naquela abertura de tudo. Ver o testemunho que foi dado pelo Marcos para os meninos, que não foi só para os meninos, foi para mim! E aí eu me senti respondida, eu entendi que aderir à realidade é aquilo que está sendo proposto nesse momento da minha vida. Então, quando eu fiz esse

caminho, eu lendo aqui o trabalho da Escola de Comunidade, logo no início diz: “Entrar na totalidade da realidade”. E depois fala da parte da misericórdia, que eu falei também na Escola de Comunidade. Tem uma parte que diz: “essa é uma palavra que deveria ser arrancada do dicionário”, porque a gente não consegue ser misericordioso como Deus. E eu disse que essa era uma palavra que precisava ser arrancada do dicionário, porque eu não consigo ser, mas o Senhor é comigo. Porque, tendo o temperamento que eu tenho, eu estaria muito brava com essa situação toda. Porque há 41 anos que saio de casa todos os dias para ir ao trabalho, e agora que eu não saio de casa para ir ao trabalho, eu poderia dizer: “Não, não vou sair.” E não estou em desespero. A Rosa fala para mim: “Nossa, você está com a cara tão serena!” Falei que até eu estou descobrindo isso, porque para mim foi um caminho; o Senhor fez um caminho comigo. Então por isso que eu vim aqui para falar: eu agradeço o caminho que a experiência do Movimento me educou a fazer, porque foi ele que me educou. Porque eu, sozinha, não saberia fazer isso.

Participante: Eu vou ler o testemunho de uma amiga da nossa Escola de Comunidade que não pode vir: “Eu comecei a fazer Escola de Comunidade em 1989, quando eu li *O Senso Religioso*. Foi um presente do padre Giussani. Nele, há os dizeres: ‘Ensinaí-me, ó Senhor, vossos caminhos, e mostrai-me a estrada certa’. Quando comecei a participar da Escola de Comunidade, achava o texto difícil, não conseguia correlacionar com minha vida. Mas participar das atividades do CL e ter uma companhia foram os meus guias ao longo dos anos. Fiz parte do grupo dos universitários (CLU). Após 1995 me afastei do Movimento. Passei muitos anos distante, mas os livros de Escola de Comunidade e o Livro das Horas sempre estiveram próximos. A música *Meu coração* ficou em minha mente se repetindo. Em 2016 meus amigos do CLU me chamaram (que não era mais CLU, já estavam velhos) me chamaram para almoços e jantares e em 2019 retomamos a Escola de Comunidade. Novamente houve um encontro. A amizade e a necessidade de dar as razões pelas quais essa amizade se torna o rosto de Cristo para nós. Nisso, o texto era difícil e eu não conseguia relacionar com minha vida: o ciclo se repetia 30 anos depois. Mas a vontade de participar de cada encontro foi aumentando, o texto fazendo correspondência com a minha vida; o brilho nos olhos voltando, mesmo em meio à pandemia de covid. O nada, ao qual fomos arrastados, sendo preenchido por uma companhia. Foi aumentando a correspondência do texto com os fatos do meu dia a dia, e que me ajudavam a olhar para as pessoas e tentar experimentar o amor citado na Escola de Comunidade. Era e, afinal, ainda é uma escola, um exercício diário, um pedido para que o sentido não fosse um esforço, mas a graça de sentir. Nesse momento, surge a liberdade, que eu também não entendia. Como ser livre? Muitas vezes eu ouvia: ‘Faça de acordo com a sua liberdade’. E eu não fazia nada, ficava pensando se estaria certo ou errado; se eu seria bem-vinda em lugares ou atividades. E, mais uma vez, eu não fazia o que me era indicado. Somente com a fidelidade à Escola de Comunidade é que eu aprendi a liberdade, e hoje faço o que me é pedido, indicado. Uso a minha liberdade. Sei que não é o melhor, mas é o meu melhor, é a minha humanidade. O que falo e vivo é o que aprendi, e dentre esses aprendizados está a certeza do amor de Cristo. Os dias da minha vida são mais fáceis? Não. A realidade segue o seu curso, mas tendo uma companhia que ajuda a olhar os fatos e dar sentido às coisas. Os dias são cheios da graça divina que acolhi”.

Participante: Boa tarde, pessoal! Eu queria pedir ajuda para entender aquele ponto do ecumenismo, que tem até um pouco a ver com isso que o Bracco disse há pouco, a questão da política, mas também não só da política; é a questão da tolerância. Eu queria ajuda mesmo para entender aquele tópico, entender a questão da tolerância. Porque eu percebi, lendo lá, que a tolerância na verdade pode ser uma indiferença em relação ao outro. E eu queria ser ajudada a compreender isso. Porque passa pela questão da política, da diversidade, de uma série de questões; no relacionamento com alunos, com colegas, com amigos...

Bracco: Alguém quer responder?

Participante: Não vou responder, não. Eu vou dizer mais ou menos o caminho que está sendo apontado um pouco para mim lendo um livro que acabou de ser publicado há alguns meses pela Companhia Ilimitada, que é o livro do Kizito [Kizito Mihigo. *Ruanda: do genocídio à Reconciliação*]. O Kizito é um jovem, que infelizmente há um ano e pouco ele foi assassinado, ele estava na prisão em Ruanda. Ele é um dos sobreviventes do massacre, genocídio que teve lá em Ruanda. Ele é da tribo dos tutsi. Ele sobreviveu, a família dele foi assassinada, o pai dele foi assassinado. É uma tragédia mundial que nós aqui no Brasil conhecemos pouco. Falo por mim, da minha ignorância, pois em 1994 eu vi algumas coisas que passavam no Fantástico, mas confesso que isso ficou totalmente fora do meu entendimento. Mas agora, ano passado, participando da Escola de Comunidade do padre Stefano Perugini, que é uma Escola de Comunidade que acontece aos sábados, online, com o padre Stefano que está em Rimini, mas tem uma grande amizade com os brasileiros aqui; e a gente foi conversando e trabalhando um pouco sobre esse caso. E acabaram também traduzindo o livro do Kizito. Então por isso acho que tem um início de resposta, porque o Kizito entendeu, na própria carne mesmo, que a questão da intolerância foi o grande estopim do massacre. Uma intolerância tribal e política, a princípio. É bem interessante o caminho que ele vai fazendo e ele acabou escrevendo isso durante a prisão. Ele morreu na prisão, a gente não sabe as circunstâncias nas quais ele morreu. Ele foi escrevendo, então é um livro que, se a gente se coloca no contexto, é curioso alguém escrever isso da sua própria experiência, numa prisão. Mas ele vai mostrando exatamente isso, que é extremamente semelhante e próximo ao texto da Escola de Comunidade, só que ainda mais carnal, eu acho. Eu posso estar do lado de alguém que eu não gosto e posso conviver com essa pessoa, se não gosto dela ou se ela me machuca, eu posso virar de costas. Eu “tolero” esse outro. Vira uma tolerância. Só que essa tolerância é uma bomba-relógio. É o que, mais cedo ou mais tarde, se eu tenho uma oportunidade, eu machuco, sou violento. Então não é uma resposta, mas acho que é um início. Para mim, pelo menos, tem me ajudado ver a experiência do Kizito para pensar um pouco nisso e também pensar a minha própria experiência, nas vezes em que sou convidado a ir muito além da tolerância.

Bracco: Para entender, temos que ver na nossa experiência, o que acontece. Quando você tolera, e quando tem uma posição que se aproxima daquilo que está escrito na Escola de Comunidade. É como você disse, tem um abismo entre uma coisa e outra. A primeira experiência de que falo, quando vejo os meninos: “Pensem quando vocês estavam apaixonados”. Para os meninos é fácil falar, porque me lembro muito claramente. Entre tolerar minha mãe, quando eu voltava para casa e ela pegava no meu

pé, e voltar para casa quando eu estava apaixonado. Minha mãe era outra coisa! Quando eu tinha aquela superabundância dentro de mim, era outra coisa olhar minha mãe. E a mesma coisa é aqui. Tolerância é um esforço nosso, é uma posição nossa que depende de um esforço. E isso dura o tempo que dura – e a gente sabe que dura muito pouco, dependendo dos temperamentos. Por quê? Porque a superabundância é uma força, é como a energia dos desenhos animados, uma energia que cria um escudo que sai de você. E aquilo que é contra você não o afeta. Não que “não o afeta” no sentido de que “você tolera”; não o afeta em face de uma superabundância. Quando você está cheio de buracos, você tem que tolerar as coisas porque tudo o incomoda. Mas quando você faz uma experiência de superabundância, também o não do outro, também o defeito do outro, o fato do outro ser diferente daquilo que você pensa, não é algo que tira alguma coisa de você. Mas quando eu sou fraco, quando eu não tenho nada de superabundante em mim, eu estou cheio de buracos e o outro que difere de mim, o outro diferente de mim, o outro que me incomoda, me tira pedaços de carne, eu não suporto. Então preciso tolerar, preciso criar estratégias para eu não ser afetado. A tolerância é uma defesa. Ecumenismo é uma força de ataque; é um ataque de superabundância. Mas é impossível se não tem um acontecimento. Esse é o ponto. Ou tem um acontecimento, ou é impossível o ecumenismo. Porque é impossível essa superabundância, e você se torna um tolerante, mesmo sendo católico, mesmo participando da Escola de Comunidade. Se não gera um acontecimento, não gera aquela força que é uma superabundância, que o faz perceber qualquer nuance de verdade, mínima, no outro. É como se esse acontecimento, quando vibra em você, gerasse uma luz que o faz perceber um mínimo de verdade no outro. E quando não tem isso, não tem nenhuma luz, você não vê nada. Você vê todos os defeitos do outro prevalecendo. Então se torna defesa, reclamação, tolerância. Mas como é diferente aquela outra posição: “O ecumenismo como parte do acontecimento de Cristo, que é o acontecimento da verdade de tudo que é. O Verbo se fez carne. Quando a pessoa tem consciência clara da verdade suprema que é o rosto de Cristo, vê revelar-se algo de bom em tudo aquilo que encontra”. É como uma capacidade da visão, que vem de dentro, que muda em nós aquilo que a gente vê no outro. Então por isso muda a posição também na política, porque o outro que pensa diferente não é mais o seu inimigo. Você começa a ver que ele deseja aquilo que você deseja. Talvez não se veja, mas por trás de uma ideologia que tenta fazer todo um projeto, você pode descobrir que, no fundo, no fundo, ele tem esse grito e quer mudar algo, que é aquilo que eu quero. É um outro olhar que acontece sobre o homem, sobre os nossos irmãos homens. Por isso pode nascer o ideal do bem comum, que é algo que eu vivo, algo que eu almejo, não só para alguém que pensa como eu: que possa ser para todos. O espaço é para todos. Na tolerância não tem espaço para você e o outro, não tem espaço para conversar, não existe diálogo. Mas quando acontece essa superabundância, começa a se criar um espaço, que o outro sente vontade de dar um passo. É como se, entre você e o outro, você criasse um espaço novo, limpo, de água pura. E o outro se sente à vontade para vir. Cria-se um espaço no qual o outro é convidado a entrar, tem vontade de entrar, tem vontade de lhe perguntar. Você deixa, cria esse espaço. Você não perturba o outro, não tenta mudar a ideia do outro: você cria o espaço; no outro gera o interesse para dar um passo que ele não daria. Então, quando a superabundância se gera, se cria esse espaço novo, esse é o diálogo. O diálogo do tolerante não é um diálogo. É uma mentira de diálogo para convencer o outro. Na superabundância de uma experiência de ecumenismo, você cria um espaço de gratuidade. Se o outro vem, vem;

se não vem, não é que o incomoda. Mas o outro vem porque você cria espaços de cordialidade, como um jantar. É como se você preparasse o jantar, mas não disse nada para ele, e o outro, cheio de fome, sente o cheiro e quer ir lá! E se sente à vontade. Então é o desafio também hoje. Nós estamos vivendo essa experiência desse acontecimento que pode criar um espaço novo. Não é um discurso, não é algo para convencer; porque o nosso discurso, mesmo o mais verdadeiro, não vai convencer ninguém. Aquilo que eu digo convence alguém se gera esse espaço no qual o outro sinta vontade de, discretamente, entrar, de vir para jantar.

Participante: Isso que o Bracco estava dizendo me fez pensar muito numa conversa que eu tive com uma amiga. Faz umas duas semanas que eu fui jantar com ela, que me contou que desde que ela tinha 10 anos, ela tinha a vida inteira planejada. Agora ela tem 25 e ela já conquistou tudo que ela queria, então a vida dela acabou, não tem mais sentido a vida dela. Ela já foi do Movimento, e ela usou isso porque ela sabe que eu estou mais próxima do Movimento, então eu estou mais próxima das pessoas e tudo o mais, então ela começou a usar esse fato da vida dela para pôr as coisas contra mim, como para me trucar com as coisas: “Beleza, eu quero que você me responda isso sem usar a carta da fé”. E eu dizia a ela que “não é uma questão de usar a carta da fé, não quero responder as suas coisas, é só o que eu estou vivendo, e não é por uma capacidade minha, é por uma convivência que eu tenho”. Fiquei pensando muito nisso que o Bracco disse, porque ela estava sendo tolerante, ela não estava em nenhum ponto aberta ao diálogo, só queria retrucar tudo o que eu dizia. E depois de um tempo eu fiquei com vontade de chamá-la para ir à Escola de Comunidade. Eu só queria que ela fosse. E é o que eu vou fazer, inclusive, que agora saí do CLU e entrei na Escola de Comunidade dos “recém-adultos”. E eu só fico com vontade de chamá-la para ir para a Escola de Comunidade. E é exatamente isso, né? Possibilitar essa abertura de diálogo, mesmo ela querendo ser tolerante comigo, eu quero que ela veja essas coisas, que não seja só um discurso, que não seja só uma “carta da fé”, mas que seja algo que ela também consiga entender. Você não consegue planejar a sua vida e depois que você conquista tudo, acabou: continua tendo uma realidade ali na sua frente.

Participante: Eu queria agradecer por este momento da Assembleia, da disponibilidade de todos. Eu desejo dar só um testemunho pessoal referente a essa questão da tolerância e do ecumenismo, e testemunhar uma coisa que eu tenho percebido já há muito tempo e que me traz uma gratidão, para ser honesta. Esses dias eu disse isso várias vezes para algumas pessoas, mas eu disse para uma amiga que é muito extremista – eu tenho amigos, graças a Deus, muito definidos – e eu dizia para ela que eu tenho um grande orgulho, nesse período todo, de todas essas dificuldades. E ela ficou me olhando assim, curiosa, e eu me senti muito livre para contar para ela que eu tenho amigos que são extremamente de esquerda e tenho amigos que são extremamente de direita, tenho aqueles que são revolucionários, poderiam pôr fogo em todos, e tenho aqueles que são diferentes, que não estão nem aí para nada, além dos anarquistas. E que eu tinha feito uma proposta para a minha pessoa, de que eu não ia perder nenhum amigo ou amiga por questão nenhuma. E é o que está acontecendo. Eu vejo meus amigos – e se eu os apresentasse um para outro, talvez se matariam, mas eu permaneço ali – e tenho esse espaço de diálogo. E eu percebo que isso é só fruto de uma graça e da educação que foi entrando por osmose, com a experiência do Movimento, de tantos anos. Porque eu sinto um amor sincero pelos meus amigos. Às vezes é duro ouvi-los dizer algumas coisas, e

eu digo assim: “Nossa Senhora, que dificuldade!” Mas eu lembro muito de uma história que dizem que é apócrifa, que Cristo passa e vê uma carcaça de cachorro, e todo mundo diz assim: “Nossa, que bicho mais horrível!” e ele diz assim: “Nossa, que belos dentes tem esse cão!” E eu sinto um pouco isso, eu olho para os meus amigos e vejo que belos dentes eles têm, eu fico olhando para o desejo do coração; e eu só consigo enxergar que o que todos eles querem na verdade é o mesmo bem que eu quero. E eu vejo como o Senhor ama a todos, até aqueles que estão nem aí para o cristianismo ou para nada. Hoje mesmo eu fui fazer a unha e estava conversando com a manicure, ela é uma ex-católica, agora é uma evangélica. E a gente gosta muito de conversar uma com a outra. Eu falo dos santos, falo da vida normalmente, mas hoje eu contei uma história para ela e ela ficou muito interessada. Enfim, só para contar que, de fato, é isso que o Bracco está dizendo: se não houvesse uma presença e se Cristo não fosse um homem vivo, presente hoje em dia, nada disso seria realmente possível; seria, como diz o Padre Álvaro lá do Rio, uma loucura. E só é possível porque tem de fato uma presença, e uma presença que atravessa e faz a gente amar o outro. Eu não sei os outros, mas posso dizer de mim. Eu sinto amor pelos meus amigos, mesmo sendo, muitos deles, muito radicalmente diferentes de mim. Eu sinto amor por eles. E eu acho que é justamente por conta desse lugar onde me educo e onde sou amada, porque no final das contas eu sou uma meleca igual a cada um deles e cada um de nós.

Bracco: Acho que hoje foi um exemplo bonito, interessante, do início desse trabalho que vamos fazer juntos. É outra coisa. Esse não foi um íterim, não foi um parêntese hoje. Mas é experimentar o que significa ter esses lugares que me educam. Ter esses lugares que me educam significa que puxa de mim essa coisa incrível que todos nós temos dentro; toca de novo essas cordas que temos dentro, que muitas vezes são cobertas por um monte de coisas. Então vive-se uma gratidão por esses lugares, e desejamos cuidar desses lugares, e daqui pode nascer uma nova mentalidade, onde se gera o ecumenismo, se entende o que significa não ser vencido pelo medo, e um ajuda o outro nisso. Isto aqui muda a sociedade. Muda uma cidade, muda o mundo. E que movimentos, pessoas, lugares, possam existir, é a primeira coisa que nós temos que pedir que a política possa olhar. Então, que eles olhem para uma realidade assim, que é minha; e não só eu olhar lá, dependendo, como um escravo, do que eles vão fazer. Então acho que temos grandes coisas, desafiadoras, mas interessantes pela frente, nesse momento.

Marquinho: Num dos comunicados que o Davide Prospero fez, em que ele retomava os pontos do Movimento – a Escola de Comunidade, a caritativa, a missão – ele mencionou um quarto item, que é a contribuição para a vida da comunidade. Eu preciso pontuar isso aqui agora, porque isso é bonito, porque tem gente que ajuda a cuidar da vida da comunidade: a Marcela que faz a Secretaria, o Heltinho que todo domingo está lá disponível junto com a Adriana para tocar e cantar na missa, o Ramón, o Jean que tocaram aqui hoje, ou a Giovana que está cuidando dos jovens. Enfim, para que a vida da comunidade funcione, vamos dizer assim – a Angélica e o João que chegaram com a caixa de livros – a gente precisa contribuir com isso. Eu achei bonito o Davide chamar a atenção para que a gente possa dar essa disponibilidade, viver essa disponibilidade.

E depois acho que esse é um momento bastante provocador para a gente, porque tem a pandemia que continua ainda mexendo com o mundo inteiro, tem a situação aqui do

país, com tanta bagunça política, a inflação, e tanta gente sofrendo, tanta gente desempregada; tem a guerra... Quer dizer, tem um momento agora que é muito importante que gente reze por isso. Que a gente peça para que nesse momento, antes de tudo, como o Bracco falava antes, a contribuição da nossa sinceridade como experiência, é esperança para essas coisas todas. Parece nada, diante de uma guerra entre Estados Unidos e Rússia. Mas a esperança não nos vem disso, vem do nosso sim. Por isso, peço que todo mundo reze por isso e vamos encerrar rezando o Ângelus juntos, também nessa intenção.

(Notas não revisadas pelos participantes)